

**MARX E A NOÇÃO DE UNIVERSALIDADE: UM TRAÇO HEGELIANO NOS
*GRUNDRISSE DE MARX***

Allysson Flôres¹

Resumo: O trabalho tem como finalidade propor uma conexão que evidencie a influência hegeliana, tendo como base a obra: “Ciência da Lógica”, sobre a leitura de Marx acerca dos economistas liberais e da interpretação destes sobre a sociedade. Principalmente nos temas abordados na primeira divisão da obra: “Elementos fundamentais para a crítica da economia política (*Grundrisse*). ” Temas que consistem na análise de uma dura crítica as abstrações e concepções aistóricas promovidas pela chamada economia nacional, por meio de seus grandes teóricos e principais expoentes: Adam Smith e David Ricardo. Reagindo a estas concepções, Marx irá propor o caminho da adoção da noção concreta de universalidade, conceito este, similar à concepção de Hegel de um todo lógico-real.

Palavras-Chave: Hegel. Marx. todo lógico-real.

**MARX AND THE NOTION OF UNIVERSALITY: AN HEGELIAN TRACE IN THE
*GRUNDRISSE OF MARX***

Abstract: The purpose of this work is to propose a connection that demonstrates a hegelian influence, based on the work: “Science of Logic”, about Marx's reading about liberal economists and their interpretation of society. Mainly in the themes addressed in the first division of the work: "Foundations of the Critique of Political Economy (Rough Draft)." Themes that consist in the analysis of a hard criticism of the abstractions and aistoric conceptions promoted by the called national economy, through its great theorists and main exponents: Adam Smith and David Ricardo. Reacting to these conceptions, Marx will propose the way of adopting the concrete notion of universality, a concept that is similar to Hegel's conception of a logical-real whole.

Keywords: Hegel. Marx. logical-real whole.

Introdução

Minha ideia consistiu em dividir o trabalho de maneira crescente, entrelaçada e até mesmo de maneira episódica. Começo por apresentar a visão defendida por Hegel neste recorte

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Nacional de Brasília (UnB). Tenho me aprofundado com maior cuidado, através de pesquisas, na relação Hegel – Marx e seus desdobramentos. E-mail: allyssonflores@gmail.com.

**MARX E A NOÇÃO DE UNIVERSALIDADE: UM TRAÇO HEGELIANO NOS
GRUNDRISSE DE MARX**

da Ciência da Lógica. Visão esta que consiste em sua crítica a abstração e fossilização do conceito, da História e da necessidade práxis como constituinte do conhecimento. Críticas que vão se estender as concepções vistas por ele como metafísicas, além da defesa da dialética como o método de acesso a verdade.

A Lógica especulativa contém a Lógica e a Metafísica de outrora; conserva as mesmas formas-de-pensamento, leis e objetos, mas ao mesmo tempo aperfeiçoando e transformando com outras categorias. Deve-se distinguir do conceito, no sentido especulativo, o que habitualmente é chamado de conceito. É no ultimo sentido, unilateral, que se pôs e repetiu milhares e milhares de vezes, e se erigiu em preconceito, que o infinito não pode ser compreendido por meio de conceitos. (CL, § 8)

Ou seja, Hegel vê no método dialético a maneira pela qual é possível captar o conceito através de sua constituição, interação e mudança. Como aquilo que nos permite ir além do campo especulativo.

Após isso, a apropriação de Marx do conceito de universalidade hegeliana e da dialética como aquilo que é capaz de captar a verdade através da dicotomia, da tensão dentro das práticas intramundanas. Apropriação essa que irá servir como base na constituição da crítica feita a economia nacional e seus teóricos, que engessam e introjetam no ser humano o ideal burguês de uma sociedade fragmentada, cindida e esfacelada. Fabricando assim as chamadas robinsonadas e tendo uma visão equivocada do processo de produção da mercadoria.

Hegel afirma que o conteúdo da filosofia é a efetividade. Pode-se entender por efetividade aquilo que contém o princípio ativo no e do fenômeno. É aquilo que torna capaz de se produzir, moldar e criar. Uma engrenagem central para o conceito de experiência.

A efetividade pode ser acessada pela experiência através de um movimento dialético entre sujeito e objeto. Isto é, sujeito e objeto interagem entre si, e através dessa interação recíproca, um constitui e é constituído pelo outro, uma recíproca determinação. Só então através desse processo de interação entre sujeito e objeto, desse movimento dialético, é possível que apareça a verdade.

Do outro lado, é igualmente importante que a filosofia esteja bem consciente de que seu conteúdo não é outro que o conteúdo originariamente produzido – e produzindo-se – no âmbito do espírito vivo, e constituído em mundo, [mundo] exterior e interior da consciência; [e entenda] que o conteúdo da filosofia é a efetividade. Chamamos experiência a consciência mais próxima desse conteúdo. (CL, § 6)

O fenômeno ainda é a faceta transitória da verdade, algo indeterminado, mas que ainda não se mostra como realmente é. Hegel busca através desse movimento dialético a unidade entre o fenômeno, ou seja, aquilo que é passageiro, e a efetividade.

Enquanto a filosofia só difere segundo a forma de outro conscientizar-se desse único e idêntico conteúdo, é necessária sua concordância com a efetividade e a experiência; e mesmo essa concordância pode considerar-se como uma pedra de toque, ao menos exterior, da verdade de uma filosofia; assim como é para se considerar como o fim último e supremo da ciência o suscitar, pelo conhecimento dessa concordância, a reconciliação da razão consciente-de-si com a razão essente com a efetividade. (CL, § 6)

O princípio base da experiência é que ele contém em si a certeza de que para que se possa aceitar algo como verdadeiro, o ser humano deve estar presente. Isto é, deve presenciar o ocorrido. Ele não pode se abster da realidade, tentar olhar de fora, ver de cima. É necessário viver, sentir na pele, algo que deve ser experimentado pelo ser humano e não imaginar um dever-ser.

Mas a separação entre a efetividade e a ideia é particularmente grata ao entendimento que toma os sonhos de suas abstrações por algo verdadeiro, e é vaidoso do dever-ser que ele gosta de prescrever, também no e sobretudo no campo político, como se o mundo tivesse esperado por ele para experimentar como deve ser, mas não é. (CL, § 6)

Já imediatez e mediação estão em comunhão, são inseparáveis, no que diz respeito a possibilidade para que seja possível reconhecer algo. São coisas diferentes, mas que ambas devem estar presentes no processo de conhecimento. A mediação é uma maneira de conhecer, porém, se transforma, se modifica, em contraponto ao imediato. A mediação é um processo vivo, dinâmico, de pura interação entre mediato e imediato.

Hegel interpreta que a atividade de pensar é uma maneira que encontramos, um jeito pelo qual é possível negar algo imediatamente dado. Normalmente o ser humano busca fixar os acontecimentos em sua tentativa de compreender e se inteirar dos fatos históricos. Entretanto, nos contentamos em somente fixarmos a mediação. Assim, acabamos por engessar um processo dinâmico. Dessa maneira, a mediação acaba se tornando, se transformando, em uma nova imediatez, em algo dado. Ou seja, se transforma em algo adquirido e pressuposto.

É justamente aí que reside o problema. A dialética é um processo ativo, e como processo ativo deve tornar esse fato perceptível, expor, e assim devolver vida ao processo. Deve trazer de

volta o vigor que lhe é característico, se tratando de um processo dialético vivo e dinâmico de interação e através dessa interação o conceito adquire objetividade.

Como exemplo desse processo de dinâmico e constituinte de interação, Hegel apresenta a filosofia como uma constituição através de partes, que devem ser vistas como um todo, que se fecha em si mesmo. É a junção de diversas ciências particulares como, por exemplo, a lógica, a filosofia da natureza e a filosofia do espírito, formando uma só.

Por isso, Hegel exemplifica ainda que o correto de uma representação de um todo filosófico é algo circular infinito, que se apropria do anterior e forma algo novo.

Por isso a ciência singular, é tanto reconhecer seu conteúdo como objeto essencial, como também reconhecer nele imediatamente sua passagem para um círculo superior. Por conseguinte, a representação da divisão tem algo de incorreto, (que é) colocar as partes ou ciências particulares umas ao lado das outras, como se fossem apenas imóveis e substâncias em sua diferenciação, como espécies. (CL, § 18)

Assim, pode-se interpretar do que foi dito que não há como oferecer uma representação fragmentária acerca da filosofia e da realidade. Pois somente o todo da ciência é a exposição de uma ideia. É o pensar idêntico a si mesmo, que se põe perante si para ser para si. Sendo junto a si enquanto é junto no outro.

Dividir a filosofia é colocar partes essenciais (ciências particulares) uma ao lado da outra, porém a ciência é conhecer imediatamente no objeto sua transição.

A dialética pretende oferecer uma visão geral do todo, da interação entre universal e particular. É a organização das dicotomias. Assim, expor essas dicotomias mostra suas relações e contradições.

Por isso é defendida a ideia de que não se pode pensar sem um sistema, sem lógica. Pois esta torna possível conhecer as regras que regem os pensamentos. Entendendo sobre o que se pensa e como se pensa. Para o ser humano, então, é necessário que se pense de maneira objetiva e de maneira subjetiva.

A formação do todo lógico-real

**MARX E A NOÇÃO DE UNIVERSALIDADE: UM TRAÇO HEGELIANO NOS
GRUNDRISSE DE MARX**

Hegel se detém então em apresentar a formação do “todo lógico-real”, como constituído por três momentos. Momentos que são divididos pelo autor na tentativa de uma apresentação mais didática. São eles:

A – O lado abstrato ou do entendimento.

B – O dialético ou negativamente-razional.

C – O especulativo ou positivamente Racional.

Esses três momentos não são partes distintas da lógica. São na verdade lados de um todo e que não podem de maneira alguma serem isolados. O todo lógico-real é a conexão entre conceito – realidade. É interação viva, o movimento dinâmico de interação entre os três. É uma maneira pela qual fixamos para poder acessar a negatividade de um conceito e assim reconstruir sua historicidade.

Eles podem ser postos conjuntamente sob o primeiro momento – o do entendimento – e por isso ser separados uns dos outros; mas, desse modo, não são considerados em sua verdade. A indicação que aqui é feita sobre as determinações do lógico – assim como a [sua] divisão – está aqui somente [numa forma] antecipada e histórica. (CL, §79).

A: acerca do entendimento, Hegel deixa claro seu caráter essencial. O pensar por entendimento se apoia na identidade, na determinidade fixa. Na diferença em que apresenta frente a outra determinidade, ou seja, é conhecer algo pelas diferenças que apresenta. O entendimento tem a capacidade de captar essa determinidade fixa, a finitude do objeto, superando o que seja vago. Capta o objeto através de seu isolamento. Dessa maneira, ele se atém ao concreto.

Entretanto, o entendimento é limitado, finito. É necessário ter atenção para não levar o entendimento além de onde ele pode chegar. Pois assim, ele pode acabar virando o seu oposto. O entendimento não é capaz de “virar a chave”, fazer a passagem do finito ao infinito. Essa tarefa é executada pelo segundo momento (B), o momento dialético.

B: o momento dialético é justamente a realização consciente da passagem das determinações do entendimento para o seu oposto. É o princípio de todo e qualquer movimento. O conceito traz dentro de si uma negatividade, traz em germe uma crítica dentro de si mesmo, algo imanente. É o movimento de superação de seus limites internos.

C: o especulativo é o momento em que se apreende a unidade das determinações em sua oposição. Ou seja, capta o contrário de algo em seu movimento de transformação para o novo. É, por exemplo, a captação de algo positivo no negativo.

A dialética apresenta um resultado positivo, pois seu conteúdo é determinado, e não algo imediato. Apresenta negações de algumas de suas determinações. É algo concreto que é composto de uma certa abstração, no caso, o pensar. É a mescla de diferentes determinações. Consiste na construção de algo, fazendo uso de seu contrário.

A apropriação marxiana

Com base na primeira parte do texto conhecemos a concepção de dialética hegeliana, desde sua importância até seu processo de formação. Com base na obra de Marx: “Elementos fundamentais para a crítica da economia política (Grundrisse)” é possível perceber fortes traços de influência do método proposto por Hegel na “Ciência da Lógica” na leitura marxiana sobre a economia política tradicional e de suas concepções acerca da sociedade, além do uso deste método como engrenagem fundamental na exposição das contradições da sociedade burguesa.

Para Marx, a economia política tradicional, principalmente através de seus teóricos Smith e Ricardo, parece retirar o ser humano da história. Veem o ser humano como algo isolado, confere a ele uma concepção individualista, atomista, como que posto antes de tudo. Dessa forma, deixa de ser identificado como um ser que é fruto de resultados históricos e interação, mas sim como um modelo que já deixou de existir, algo fora da sociedade.

A economia nacional é vista por Marx como uma ciência que tem dentro de si uma relação que é contraditória. Pois, é uma ciência que apresenta traços emancipatórios, como por exemplo, o fato de ser capaz de lidar com riquezas, de compreendê-las. Porém, apresenta o erro de se achar fora da história. Assim, se apresenta como reprodutora do ideal burguês atomista, individualista que contribui para uma cisão ainda mais forte entre forma-conteúdo e sujeito-objeto.

Aos profetas do século XVIII, sobre cujos ombros Smith e Ricardo ainda se apoiam inteiramente, tal indivíduo do século XVIII – produto, por um lado, da dissolução das formas feudais de sociedade e, por outro, das novas forças produtivas desenvolvidas desde o século XVI – aparece como um ideal cuja existência estaria no passado. Não como um resultado histórico, mas como ponto de partida da

história. Visto que o indivíduo natural, conforme sua representação da natureza humana, não se origina na história, mas é posto pela natureza. Até o momento essa tem sido uma ilusão comum a toda a nova época. (MARX, 2011, p. 54-55).

Ela não compreende a concretude das determinações objetivas, não é capaz de compreender a dialética de construção mútua que faz uso de seu contrário. Quando é acessada dialeticamente, a economia nacional revela seu problema: o dilaceramento da sociedade. Não é capaz de produzir a interação entre universal-particular, e assim deixa de reconhecer o ser humano como indivíduo, passa vê-lo como coisa, o coisifica.

Marx acredita que este tipo de concepção é uma maneira de se naturalizar as relações burguesas. A burguesia tem uma concepção atomista da realidade mundana. Dessa maneira, a economia nacional acaba por interiorizar no ser humano essa concepção burguesa de realidade, pelo fato de ter um conceito de trabalho abstrato, individualista, a-histórico, fossilizado. Apresentando assim uma pauperização da sociedade e de suas relações como um todo.

Ou seja, introjeta no ser humano a auto coisificação. Acredita que essa maneira de ver as relações humanas é a correta, acaba se tornando a sua própria maneira de entender o mundo e tudo aquilo que lhe cerca. É acreditar que seja possível a produção de um singular isolado fora da sociedade, uma vez que o ser humano é um animal que se constitui na interação. O indivíduo deixa de ser um resultado histórico e passa a ser o ponto de partida dela.

Acreditar nisso é acreditar na ideia de um Robison Crusoé, é ceder as robinsonadas. Ou seja, a economia nacional toma o indivíduo solitário como gênese. Como ponto de partida da realidade. Aquele que é livre de determinações sociais, o indivíduo tal como é, pressuposto, em “estado natural”. Posto pela natureza da maneira como se apresenta, livre de toda e qualquer interação. A sociedade burguesa corta os laços do ser humano com a comunidade. “Nessa sociedade da livre concorrência, o indivíduo aparece desprendido dos laços naturais etc. que, em épocas históricas anteriores, o faziam um acessório de um conglomerado humano determinado e limitado.” (MARX, 2011, p. 54).

Porém, Marx dá o exemplo, que isso soa tão surreal quanto acreditar que seja possível desenvolver a linguagem, sem seres humanos vivendo uns com os outros. Embora Marx concorde com a posição defendida por Aristóteles, que o ser humano é um animal político, ele vai além,

afirmando que o ser humano é um animal que só pode se isolar em sociedade.

A produção do singular isolado fora da sociedade – um caso excepcional que decerto pode muito bem ocorrer a um civilizado, já potencialmente dotado das capacidades da sociedade, por acaso perdido na selva – é tão absurda quanto o desenvolvimento da linguagem sem indivíduos vivendo juntos e falando uns com os outros. (MARX, 2011, p. 55-56)

Marx acredita que esses estudiosos da economia nacional, em seus trabalhos, representam a produção como algo independente, que está em contraposição ao consumo, distribuição e troca. Tentam conceber a produção como um momento isolado, com características totalmente distintas, com leis naturais, já dadas, constitutivas acima da história, de maneira atemporal. Reforçando o ideal burguês atomista e aistórico. O indivíduo é assim isolado em seu trabalho e afastado da realidade.

Na realidade, a produção deve ser vista como parte integrante de um todo, e não uma engrenagem separada, em que seja possível percebê-la e abstraí-la completamente. Deve ser vista como algo entrelaçado, que constitui e é constituído, parte integrante de um processo em que se mescla com outras engrenagens. A produção material é social.

As determinações que valem para a produção em geral têm de ser corretamente isoladas de maneira que, além da unidade – decorrente do fato de que o sujeito, a humanidade, e o objeto, a natureza são os mesmos -, não seja esquecida a diferença essencial. Em tal esquecimento repousa, por exemplo, toda a sabedoria dos economistas modernos que demonstram a eternidade e a harmonia das relações sociais existentes. (MARX, 2011, p. 57)

Conclusão

O esforço de Marx em evidenciar essa mescla, essa universalidade dos momentos através do entendimento é necessária para vivificar, fluidificar essas categorias que são tomadas como fixas, abstratas e inorgânicas. Ultrapassar essa barreira de estranhamento e ter concepção de um todo que interage. Perceber a relação concreta existente entre essas determinações fixas. Somente alcançando o entendimento dessa interação, será possível reconhecer essas categorias e trabalhar conscientemente sobre os conceitos. Obter esse entendimento, é ter a consciência do todo lógico-real.

Quando tais trivialidades são reduzidas ao seu efetivo conteúdo, expressam mais do que sabem seus pregadores. A saber, que toda forma de produção forja suas próprias relações jurídicas, forma de governo etc. a insipiência e o

Allysson Flôres

desentendimento consistem precisamente em relacionar casualmente o que é organicamente conectado, em reduzi-lo a uma mera conexão da reflexão. (MARX, 2011, p. 60).

Conceitos, que assim como para Hegel, são construídos através de práticas intramundanas de interação. É a linguagem como práxis formadora de entendimento mútuo. Que é constituído de maneira dialética, através de suas contradições, em uma ação societária fluidificada, viva e orgânica. Assim, podemos reconstruir seu processo constitutivo, não dando saltos, e deixar de matar um processo que é vivo.

Referências bibliográficas

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio*. Segunda Edição. São Paulo: Loyola, 2005.

MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.